

Saúde, não há lugar para complacência

O relatório sobre o desenvolvimento divulgado pelo Banco Mundial constitui um oportuno lembrete de que na base do problema mundial da saúde está um sucesso notável: o aumento da esperança de vida para todos os habitantes da Terra. Mas a duração exata dessa expectativa e o nível de saúde em que as pessoas viverão ainda dependem ao extremo do lugar em que elas nasceram. Mas as normas adotadas para atender às suas crescentes necessidades no campo da saúde, da melhor forma possível, são as mesmas em todo o mundo.

Em 1950, uma criança nascida no mundo em desenvolvimento tinha uma esperança de vida de 40 anos. Hoje, é de 63. A chance de que essa criança morra antes de completar 5 anos é agora de 1 em 10, cerca de três vezes menor do que em 1950. O relatório do Banco Mundial, "Investindo em Saúde", rende homenagem a tais realizações; que são o resultado de conquistas em termos de renda e de educação, bem como dos programas de saúde pública elaborados em conjunto.

No entanto, não há lugar para complacências. Como o documento observa, a mortalidade infantil é ainda dez vezes superior no mundo em desenvolvimento do que nos países com economia de mercado consolidada, e isso devido a problemas de saúde que poderiam ser facilmente sanados. Cerca de 43% do ônus representado pelas doenças no subsaara africano é devido a moléstias de fácil prevenção e tratamento, como o sarampo. O relatório argumenta que os governos poderiam realizar progressos mesmo com os orçamentos atuais, se empregassem suas verbas de modo mais eficiente.

As recomendações do banco mostram um amplo terreno para o mundo em desenvolvimento aprender com o desenvolvido. As estratégias que os países mais ricos só descobriram tardiamente, ao se defrontarem com o aumento dos custos da área de saúde, poderiam ser adotadas agora em muitos países de renda média e baixa. Elas poderiam produzir imediatamente avanços em termos de vidas humanas, além de garantir que no fu-

turo o desenvolvimento econômico produzirá o máximo efeito possível sobre os padrões de vida e de saúde. Os governos precisam orientar o que gastam para os serviços que oferecem os maiores retornos. O cálculo difícil em relação ao balanço dos gastos entre os tratamentos altamente especializados e os procedimentos mais simples de valor mais amplo é válido tanto para os países ricos quanto para os pobres. No mundo em desenvolvimento, muitos ainda morrem pela falta de acesso à água tratada.

Ao mesmo tempo, o relatório encoraja os países em desenvolvimento a promover a diversidade e a concorrência no financiamento e oferta de serviços de saúde. A amplitude da experiência do banco permite-lhe apontar onde as lições assimiladas em países de alta renda — a respeito dos perigos dos sistemas de saúde com pagamento por serviço prestado, por exemplo, ou do âmbito da tomada localizada de decisões — podem ser aplicadas nas regiões mais pobres.

A evolução do conheci-

mento desses pontos é pelo menos tão importante quanto o dos níveis de gastos gerais. O relatório salienta que a parcela de ajuda externa destinada à saúde caiu de 7 para 6% durante a década de 80, e argumenta que o montante deveria ser restabelecido. O banco destaca também uma estimativa da Organização Mundial de Saúde segundo a qual menos da metade de todo o equipamento médico nos países em desenvolvimento é utilizável. Os países doadores evidentemente precisam exercer uma certa fiscalização para garantir que o dinheiro seja gasto de forma adequada.

O documento destaca ainda duas áreas controvertidas: a da Aids e a das moléstias relacionadas ao hábito do fumo. Segundo as tendências atuais, cada uma delas, dentro de dez anos, estará matando cerca de 2 milhões de pessoas nos países em desenvolvimento. O relatório não oferece muito apoio a uma opinião corrente no mundo ocidental, de que se está gastando dinheiro em demasia na pesquisa para o combate à Aids, embora no

mundo em desenvolvimento a mensagem fundamental seja que as medidas preventivas são tão potencialmente eficientes quanto inadequadamente disponíveis. As moléstias causadas pelo fumo também exigem determinados programas de prevenção, embora nesse caso a posição do mundo desenvolvido esteja comprometida pelos interesses comerciais de seus fabricantes de cigarros.

A mensagem principal do relatório do banco é que os investimentos em saúde e em crescimento econômico são duas faces da mesma medalha. Ocorre "um ciclo de sustentação mútua" da melhoria dos padrões de saúde para o aumento da produtividade e um crescimento econômico mais vigoroso. Os países mais ricos do mundo, representados hoje pela cúpula do G-7 reunida em Tóquio, têm um papel a desempenhar em cada estágio do ciclo, por meio do fluxo de informações, dos programas de ajuda e, o que é mais importante, respaldando um mais amplo desenvolvimento de um sistema liberal de comércio internacional.